LARANJA

A citricultura brasileira apresentou-se, dentro dos setores agrícola e agroindustrial, como um dos segmentos mais dinâmicos, durante a última década. As exportações de suco passaram de US$ 14 milhões (FOB) em 1970 para US$ 300 milhões (FOB) em 1979 (ver Gráfico 1). As principais indústrias — Cutrale, Citrossuco, Cargill e Frutesp — duplicaram sua capacidade de moagem e, nos últimos três anos, quatro novas empresas se instalaram na área industrial.

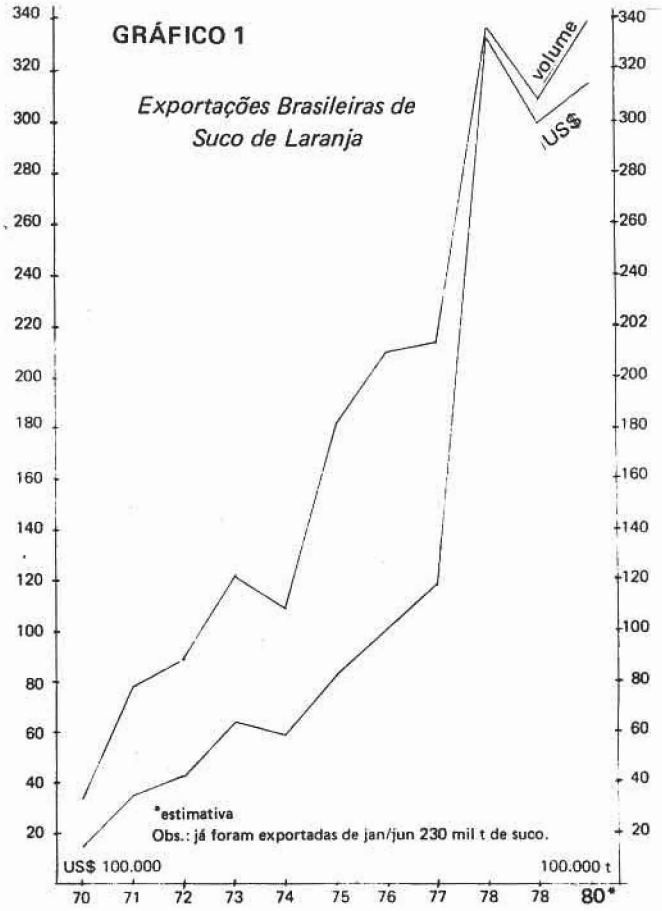
Contudo, à exceção de São Paulo, de cuja produção 80% se destinam ao processamento industrial, a produção brasileira é majoritariamente dirigida ao consumo interno *in natura*, sendo desviada apenas uma pequena parte para a exportação nesta condição. Os principais estados produtores aparecem no Quadro 1, onde estão apresentadas, também, as taxas de crescimento da cultura na última década. Como se pode constatar, São Paulo, além de ser o único fornecedor da indústria, é responsável por cerca de 75% da produção nacional de laranjas. Neste estado, a expansão da citricultura deu-se de forma acelerada, devido, principalmente, à demanda crescente do parque industrial de suco e à alta rentabilidade da cultura.

No entanto, como 80% da produção paulista são destinados à fabricação de suco e o consumo interno desse produto não chega a 10% do total produzido, o setor tornou-se quase totalmente dependente do mercado mundial. Esta dependência atinge tanto o produtor agrícola quanto o setor industrial-exportador, na medida em que condições adversas de mercado externo serão transferidas ao setor industrial e se refletirão, inevitavelmente, no setor agrícola, com a queda na remuneração real recebida pelo produtor de laranja. Esta remuneração tem sido o principal ponto de atrito entre produtores e industriais, sendo necessária, quase todos os anos, a intervenção do governo para forçar a determinação do preço de referência. Este tipo de conflito, aliás, tem estado presente não só no Brasil, acontecendo também em outros importantes países produtores de laranjas como, por exemplo, Israel e México, onde afetou de maneira decisiva o desenvolvimento da citricultura. No Brasil, a inexistência de um consenso entre produtores e industriais resulta, a cada ano, em nova discussão que, na maioria das vezes, afeta de forma considerável a classe produtora, tendo em vista a perda de parte da produção das laranjas precoces pelo retardamento da colheita.

O mercado internacional de suco concentrado, que apresenta condições desfavoráveis desde meados de 1979, com queda moderada nas cota-

GRÁFICO 1

Exportações Brasileiras de Suco de Laranja



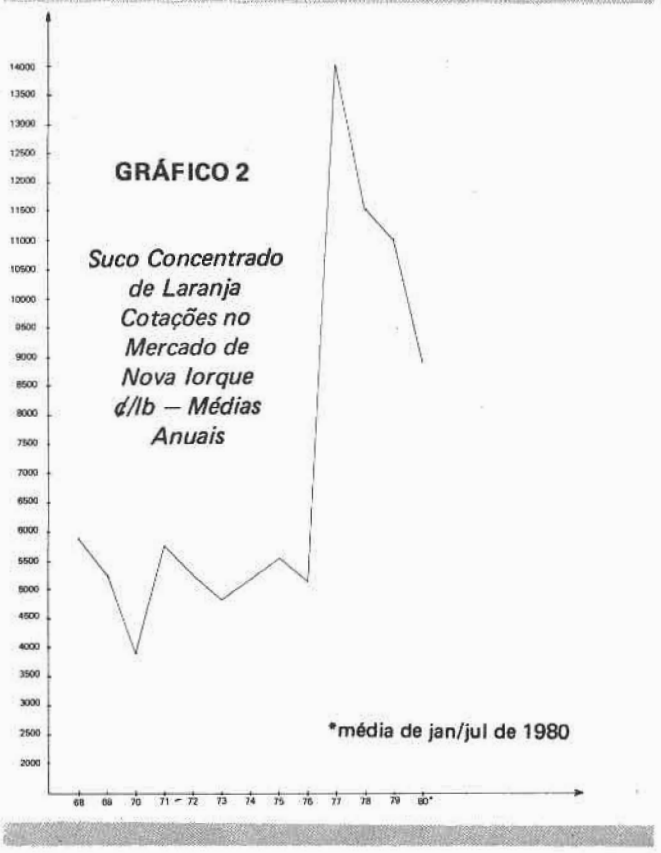
Agroanalysis, 4(9): 4-39, setembro/1980

QUADRO 1

BRASIL — Produção de Laranja In Natura e Variação Anual nas Principais Produções Estaduais 1970/1980 (1000 caixas) (1)

Anos	São Paulo	Var. %	R. de Janeiro	Var.%	Sergipe	Var.%	R.G. do Sul	Var.%	Minas Gerais	Var.%	Outros	Var.%	Brasil	Var.%
1970	27.662	—	9.558	—	996	—	4.616	—	6.839	—	12.312	—	61.988	—
1971	31.517	14,0	8.220	-14,0	1.079	8,0	4.684	1,5	7.014	2,6	12.621	2,5	65.136	5,0
1972	40.060	27,0	8.973	9,0	1.187	10,0	4.480	4,5	7.058	0,6	14.025	11,0	75.784	16,0
1973	65.221	65,0	5.760	-36,0	854	-28,0	4.604	2,8	10.184	44,0	13.960	-4,6	98.584	30,0
1974	77.000	18,0	12.110	110,0	2.157	153,0	4.916	6,8	9.776	-4,0	18.684	34,0	124.644	26,3
1975	84.700	10,0	10.772	-11,0	2.247	4,0	6.388	30,0	6.045	-38,0	16.515	-11,6	126.668	1,6
1976	102.000	20,0	10.770	-0,2	2.974	32,0	6.636	3,9	6.221	3,0	18.078	9,5	146.680	1,6
1977	100.400	-2,0	10.650	-1,0	3.758	26,0	6.862	3,4	6.594	6,0	15.022	-16,9	143.287	2,3
1978	113.860	13,0	8.166	23,0	6.556	74,0	7.228	5,3	6.469	-1,9	21.525	43,0	163.805	14,0
1979	151.000	32,0	10.502	28,0	6.633	2,0	7.400	2,4	7.053	9,0	14.534	-32,0	197.631	2,0
1980*	170.000	12,5	11.259	7,0	8.809	32,0	7.430	0,4	7.053	—	11.500	-20,0	216.000	10,0

FONTE: Anuário Estatístico do IBGE e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE
* Estimativa (safra 1980/81)
(1) Cada caixa = 40,8 kg (média de 250 frutos)



ções do produto (ver Gráfico 2) e redução do consumo nos países industrializados da Europa Ocidental, teve agravada a sua situação, este ano, pela expectativa de uma super-safra norte-americana. Este fato obrigou a Cacex a rever seu esquema de comercialização do suco, no início de 1980. Deste modo, as exportações brasileiras foram fechadas durante o mês de maio, a fim de se decidir qual seria a forma mais adequada de garantir o escoamento do produto a preços remuneradores. O novo esquema de comercialização, praticado a partir do dia 4 de junho, determina um preço mínimo de exportação de US$ 900,00/t e o pagamento de uma quota de contribuição regressiva, ficando a exportação de suco isenta do Imposto de Exportação, que corresponde a 12% sobre o valor FOB, até dezembro de 1980, quando termina a cobrança da quota.

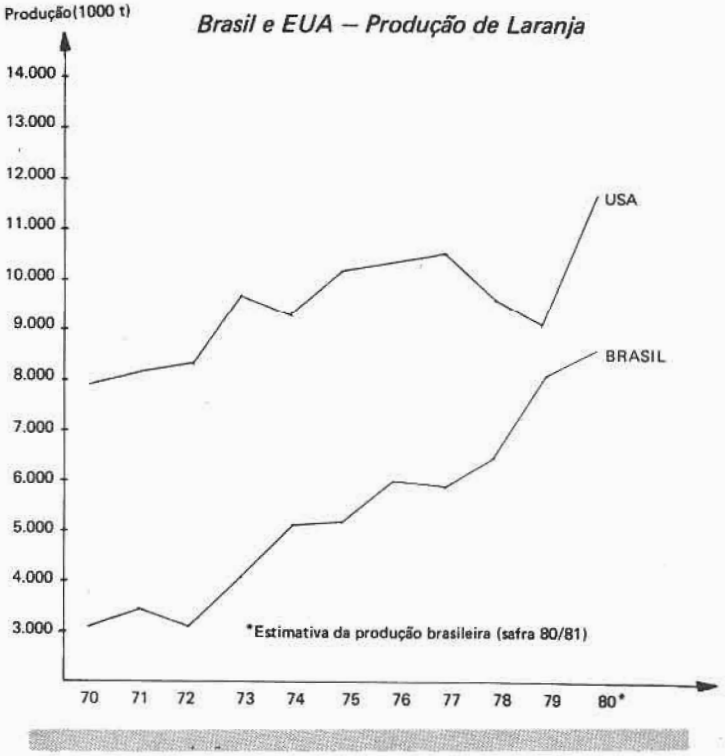
As perspectivas da produção dos EUA são boas, tendo em vista a faixa etária dos pomares e o fato de que a geada de março último, que poderá afetar a safra 1980/81, não teve grande influência na atual, pois grande parte da produção da Flórida já se encontrava colhida. Tudo dependerá, porém, da ocorrência ou não de fatores climáticos adversos, os quais têm sido freqüentes nos últimos anos. A inexistência destes, no entanto, terá como conseqüência safras excelentes, que suprirão o mercado interno totalmente e ainda deixarão um excedente para a exportação, o que afetará a posição ocupada pelo Brasil, no mercado internacional. O Gráfico 3 apresenta a evolução da produção nos dois países, principais produtores mundiais de laranja.

Alguns dados relativos aos resultados da colheita norte-americana são particularmente significativos. Os três principais estados americanos produtores de cítricos – Flórida, Califórnia e Arizona – tiveram suas produções de laranja incrementadas em 25%, 59% e 21%, respectivamente. Também o setor industrial vem apresentando um bom desempenho, absorvendo a oferta doméstica. O aumento da moagem de janeiro a maio de 1980, naquele país, foi de 30% em relação ao mesmo período do ano passado.

O grande incremento da produção na atual safra norte-americana deveu-se não só à não ocorrência de geadas que afetassem a safra mas, também, à entrada em produção de novos pomares.

GRÁFICO 3

Brasil e EUA – Produção de Laranja



O Quadro 2 permite verificar que, na verdade, os laranjais norte-americanos estão sofrendo recuos em sua extensão territorial, há cinco anos.

A citricultura norte-americana apresenta características bastante diferentes das da brasileira, tendo em vista que quase toda a produção de suco e frutas *in natura* destina-se ao abastecimento do mercado interno. As importações americanas de suco são geralmente feitas no sistema de *draw-back*, podendo sua produção interna ser considerada igual ao consumo. Esta situação lhe confere uma base sólida, na medida em que aumentos na produção serão absorvidos pelo seu mercado interno, independendo, dessa forma, do mercado mundial.

Por outro lado, no Brasil, a falta de um mercado consumidor interno para o suco aqui produzido, o que daria garantia de escoamento da produção, representa o fator negativo para o desenvolvimento do setor. O consumo interno de suco tem sido constante ao longo dos últimos anos — aproximadamente 20 mil t/ano — em virtude da oferta inadequada e deficiente e, ainda, pelo hábito alimentar do consumidor doméstico, voltado para a fruta *in natura*.

Algumas medidas para intensificar o consumo do suco internamente já foram tomadas, como o lançamento, em 1978, de uma campanha publicitária demonstrando as vantagens do consumo desse tipo de produto e o lançamento, pela Cutrale, do *Frusol* suco concentrado em embalagem tipo *longa vida*, que deverá chegar em breve aos principais centros urbanos.

Um fator de considerável importância para o desenvolvimento do setor citrícola no país é a tentativa dos exportadores de expandir as exportações brasileiras de laranja *in natura*, visto ser este um mercado com grande potencial de crescimento e no qual o Brasil participa atualmente com uma parcela muito pequena, aproximadamente 3% do total comercializado. Os principais importadores da fruta são os países da Europa Ocidental e do Oriente Médio. No entanto, a entrada do produto brasileiro nestes mercados será dificultada pela competição de seus principais fornecedores, como a Espanha, Marrocos, África do Sul, EUA e Israel que, devido à proximidade dos centros consumidores europeus e à qualidade de seus produtos, podem oferecê-los a preços inferiores aos

QUADRO 2

*EUA — Produção e Área Plantada de Cítricos**
Período 1969/70 — 1979/80

ANOS	PRODUÇÃO (1.000 t)	%	ÁREA PLANTADA (hectares)	%
1969/70	11.348	—	1.122,6	—
1970/71	11.919	5,0	1.180,8	5,2
1971/72	12.163	2,0	1.154,0	-2,3
1972/73	13.894	14,2	1.174,5	2,0
1973/74	13.412	-3,5	1.177,8	0,3
1974/75	14.586	8,8	1.181,3	0,3
1975/76	14.788	1,4	1.178,6	-0,2
1976/77	15.273	3,0	1.159,3	-1,6
1977/78	14.255	-6,5	1.140,1	-1,6
1978/79	13.306	-6,7	1.134,3	-0,5
1979/80	16.751	25,9	—	—

FONTE: Departamento de Agricultura dos EUA (USDA).
* Laranja, limão e grapefruit

apresentados pelos exportadores aqui sediados.

O Brasil poderia aumentar sua participação neste mercado, suprindo os países do Hemisfério Norte na época de sua entressafra, que ocorre justamente quando estamos em pico de produção. Para que isto seja possível, é necessário que se aumente a oferta de frete marítimo e que se aprimorem os processos de seleção e de embalagem da fruta, uma vez que o consumidor estrangeiro dá muita importância à aparência do produto. Assim, diminuir-se-ia a dependência do setor agrícola em relação ao industrial e seria garantido o escoamento do excedente de produção. Nesse sentido, parece que já se obteve algum progresso em 1979, pois, além de ter ocorrido um aumento de 43% no volume exportado de laranja *in natura,* o produto brasileiro conseguiu chegar a novos mercados, como a Argentina, Kuwait e Canadá.

Isto parece indicar a conveniência de, nos próximos anos, procurarem-se mercados não tradicionais, para os produtos cítricos, uma vez que deverão entrar em produção no país, até 1985, mais 31 milhões de pés, com uma produção adicional equivalente a 100 milhões de caixas. Desta forma, a situação da citricultura brasileira poderá tornar-se crítica, se não houver uma expansão da demanda no conjunto de países importadores, tendo em vista que a taxa média anual de expansão da produção até aquele ano deverá ficar em torno de 7%.

É preciso explorar, também, as possibilidades de expansão do mercado interno, devido ao seu grande potencial. Neste sentido, é estimulante constatar que a oferta de frutas *in natura* nas principais cidades, no primeiro semestre de 1980, experimentou considerável aumento, calculando-se, para o período, um consumo médio de 42 milhões de caixas contra as 38 milhões de caixas consumidas nos primeiros seis meses de 1979.

Além do problema de escoamento, a citricultura brasileira passa por outro grave entrave ao seu desenvolvimento. Trata-se da expansão do cancro cítrico, contra o qual produtores, industriais e o governo devem unir-se, a nível nacional. O cancro que, no início, apareceu apenas no Paraná e na fronteira desse estado com São Paulo, já foi detectado também perto da zona nobre paulista e no Rio Grande do Sul. Em São Paulo, o apoio do Fundecitrus* merece destaque especial, na medida em que, graças aos recursos desse órgão, foi possível dar prosseguimento à campanha de pesquisa e erradicação da doença naquele estado. A falta de recursos, a negligência e o desconhecimento estão contribuindo de maneira decisiva para que esta doença se espalhe e fique cada vez mais difícil erradicá-la. Este é um dos problemas mais graves, se considerarmos que, além de prejudicar a exportação de frutas cítricas *in natura*, pelo receio de contaminação, ainda pode resultar na total destruição da citricultura, como já aconteceu na Argentina e no Japão, países que acreditaram poder conviver com o cancro.

A safra brasileira 1980/81 poderá alcançar 216 milhões de caixas, (ver Quadro 2), cabendo a São Paulo uma participação de 75%, com uma produção de 170 milhões de caixas. Destas, cerca de 130 milhões serão esmagadas pela indústria, resultando numa produção de aproximadamente 450 mil t de suco, das quais 270 mil t serão provavelmente exportadas ainda este ano. Somadas ao estoque remanescente de 70 mil t da safra passada, possibilitarão uma exportação total de 340 mil t. A receita cambial deverá ficar, portanto, em torno de US$ 315 milhões FOB, considerando-se um preço médio de exportação de US$ 925,00/t. O setor como um todo poderá render ao país cerca de US$ 400 milhões FOB, derivados da exportação de suco, frutas *in natura*, óleos essenciais e farelo de polpa cítrica.

Assim, o estoque remanescente da safra 1980/81 deverá chegar às 160 mil t, considerando o consumo interno na faixa de 20 mil t. O escoamento deste excedente irá depender principalmente da safra americana 1980/81, cuja estimativa será divulgada em outubro. Se for confirmada a quebra de aproximadamente 25% na produção, resultado da geada de março passado, é provável que o mercado internacional possa absorver o excedente brasileiro até maio de 1981. O problema ficaria adiado, então, para o ano seguinte, pois a safra brasileira 1981/82 deverá ser pelo menos 10% superior à atual, devido à composição etária dos pomares e ao fato de ser esta uma cultura permanente sobre a qual a influência de períodos críticos de mercado só se faz sentir a médio e longo prazos.

* Fundecitrus – Fundo de Desenvolvimento da Citricultura do Estado de São Paulo – recebe contribuições de produtores e industriais.